

Caderno de Questões

Bimestre	Disciplina	Turmas	Período	Data da prova	P 172003
2.o	Estudos Literários	1.a série	M	22/06/2017	
Questões	Testes	Páginas	Professor(es)		
5	10	9	Beth Araújo		
Verifique cuidadosamente se sua prova atende aos dados acima e, em caso negativo, solicite, imediatamente, outro exemplar. Não serão aceitas reclamações posteriores.					
Aluno(a)			Turma	N.o	
Nota		Professor	Assinatura do Professor		

Instruções

1. Leia com atenção as questões da prova.
2. A prova deve ser feita a tinta, com letra legível; respeite os espaços reservados para as respostas.
3. As respostas incompletas, rasuradas ou que apresentem erros gramaticais serão descontadas total ou parcialmente.
4. Obedeça às normas da língua culta.
5. Destaque a folha de respostas; para isto, preencha o cabeçalho.
6. Na primeira aula de Estudos Literários, após as férias, traga o caderno de questões e o gabarito, que será publicado na internet.

Obs.: Não se esqueça de ler, nas férias, o livro *Mayombe*, de Pepetela.

Parte I: Testes (valor: 3,0)

01. (Enem 2ª aplicação 2016) Poema tirado de uma notícia de jornal

*João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.*

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*: poesias reunidas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

No poema de Manuel Bandeira, há uma ressignificação de elementos da função referencial da linguagem pela

- a. atribuição de título ao texto com base em uma notícia veiculada em jornal.
- b. utilização de frases curtas, características de textos do gênero jornalístico.
- c. indicação de nomes de lugares como garantia da veracidade da cena narrada.
- d. enumeração de ações, com foco nos eventos acontecidos à personagem do texto.
- e. apresentação de elementos próprios da notícia, tais como quem, onde, quando e o quê.

02. (Enem PPL 2015) **Perder a tramontana**

A expressão ideal para falar de desorientados e outras palavras de perder a cabeça

É perder o norte, desorientar-se. Ao pé da letra, “perder a tramontana” significa deixar de ver a estrela polar, em italiano stella tramontana, situada do outro lado dos montes, que guiava os marinheiros antigos em suas viagens desbravadoras.

Deixar de ver a tramontana era sinônimo de desorientação. Sim, porque, para eles, valia mais o céu estrelado que a terra. O Sul era região desconhecida, imprevista; já o Norte tinha como referência no firmamento um ponto luminoso conhecido como a estrela Polar, uma espécie de farol para os navegantes do Mediterrâneo, sobretudo os genoveses e os venezianos. Na linguagem deles, ela ficava trasmontes, para além dos montes, os Alpes. Perdê-la de vista era perder a tramontana, perder o Norte.

No mundo de hoje, sujeito a tantas pressões, muita gente não resiste a elas e entra em parafuso. Além de perder as estribeiras, perde a tramontana...

COTRIM, M. *Língua Portuguesa*, n. 15, jan. 2007.

Nesse texto, o autor remonta às origens da expressão “perder a tramontana”. Ao tratar do significado dessa expressão, utilizando a função referencial da linguagem, o autor busca

- a. apresentar seus indícios subjetivos.
- b. convencer o leitor a utilizá-la.
- c. expor dados reais de seu emprego.
- d. explorar sua dimensão estética.
- e. criticar sua origem conceitual.

03. (Fuvest 2016 – 2ª fase - adaptada) Leia este texto.

Nosso andar é elegante e gracioso, e também extremamente eficiente do ponto de vista energético. Somos capazes de andar dezenas de quilômetros por quilo de feijão ingerido. Até agora, nenhum sapato, nenhuma técnica especial de balançar os braços, ou qualquer outro truque foram capazes de melhorar o número de quilômetros caminhados por quilo de feijão consumido. Mas, agora, depois de anos investigando o funcionamento de nossas pernas, um grupo de cientistas construiu uma traquitana simples, mas extremamente sofisticada, que é capaz de diminuir o consumo de energia de uma caminhada em até 10%.

Trata-se de um pequeno exoesqueleto que recobre nosso pé e fica preso logo abaixo do joelho. Ele mimetiza o funcionamento do tendão de Aquiles e dos músculos ligados ao tendão. Uma haste na altura do tornozelo, a qual se projeta para trás, segura uma ponta de uma mola. Outra haste, logo abaixo do joelho, segura uma espécie de embreagem (...).

Fernando Reinach, www.estadao.com.br, 13/06/2015. Adaptado.

Assinale a alternativa em que se denomina o recurso e se transcreve corretamente o trecho em que o autor explora, com fins expressivos, o emprego de termos contraditórios.

- a. “Nosso andar é elegante e gracioso, e também extremamente eficiente do ponto de vista energético.” (Metáfora)
- b. “Somos capazes de andar dezenas de quilômetros por quilo de feijão ingerido.” (Metonímia)
- c. “Até agora, nenhum sapato, nenhuma técnica especial de balançar os braços, ou qualquer outro truque foram capazes de melhorar o número de quilômetros caminhados por quilo de feijão consumido.” (Polissíndeto)
- d. “...um grupo de cientistas construiu uma traquitana simples, mas extremamente sofisticada, que é capaz de diminuir o consumo de energia de uma caminhada em até” 10%. (Antítese)
- e. “Trata-se de um pequeno exoesqueleto que recobre nosso pé e fica preso logo abaixo do joelho. Ele mimetiza o funcionamento do tendão de Aquiles e dos músculos ligados ao tendão.” (Paradoxo)

Aluno(a)	Turma	N.o	P 172003
			p 3

Considere os sonetos seguintes para responder aos testes 04 a 08.

Texto I

*Busque Amor novas artes, novo engenho,
Para matar-me, e novas esquivações;
Que não pode tirar-me as esperanças,
Que mal me tirará o que eu não tenho.*

*Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.*

*Mas, conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.*

*Que dias há que n'alma me tem posto
Um não sei quê, que nasce não sei onde,
Vem não sei como, e dói não sei porquê.*

Luís Vaz de Camões – séc. XVI

Texto II

Soneto otimista

*Ainda somos bons de futebol.
A taxa de inflação cai ano a ano.
A nova inundação não causou dano.
A meteorologia prevê sol.*

*O incêndio não chegou até o paiol.
Brasil vai dar asilo ao rei cubano.
Na ONU já se fala o castelhano.
Achado o fugitivo da Interpol.*

*Notícia desse tipo anima a gente.
"Nem tudo está perdido", pensa o cego.
"Se melhorar, estraga", acha o vidente.*

*Mas sou teimoso, e os pontos nunca entrego.
No escuro, permaneço descontente.
Se outrora tropeçava, hoje escorrego.*

Glauco Mattoso – poeta brasileiro contemporâneo

04. (FUVEST- adaptada) Assinale a alternativa que apresenta o sentido mais preciso das palavras “artes” e “engenho” no verso “Busque Amor novas artes, novo engenho” (texto I).
- Gênio/experiência e inspiração/destreza.
 - Índole/maldade e natureza/perícia.
 - Talento/invenção e técnica/artifício.
 - Inclinação/tendência e engano/ilusão.
 - Instinto/regras e discernimento/preceitos.

05. Em ambos os sonetos evidencia-se uma postura pessimista do eu lírico constatada no fato de ele
- perceber que não tem nem mesmo esperanças (Texto I) e não acreditar nas notícias por serem boas demais para serem verídicas (Texto II).
 - desistir da existência por ter sido atingido pelo Amor quando não esperava (Texto I) e manter-se cético diante de notícias inverossímeis (Texto II).
 - considerar que não tem qualquer esperança (Texto I) e continuar triste, apesar das notícias animadoras (Texto II).
 - afirmar que sua situação se assemelha a alguém em mar revolto, sem qualquer apoio (Texto I) e testemunhar notícias falsas (Texto II).
 - acreditar que o Amor não pode atingi-lo (Texto I) e acreditar que as boas notícias não existem para ele, somente para os outros (Texto II).
06. Em ambos os textos evidenciam-se paradoxos em
- “Que não pode tirar-me as esperanças” (Texto I) e “A taxa de inflação cai ano a ano.” (Texto II).
 - “Vede que perigosas seguranças!” (Texto I) e “‘Se melhorar, estraga’, acha o vidente.” (Texto II).
 - “Que não temo contrastes nem mudanças” (Texto I) e “Mas sou teimoso, e os pontos nunca entrego” (Texto II).
 - “Para matar-me, e novas esquivanças” (Texto I) e “A meteorologia prevê sol.” (Texto II).
 - “Um não sei quê, que nasce não sei onde” (Texto I) e “No escuro, permaneço descontente.” (Texto II).
07. Considere as seguintes afirmações sobre os textos:
- Ambos são sonetos em versos decassílabos com mesmo esquema rímico nos quartetos.
 - Enquanto no Texto I a conjunção adversativa evidencia a oposição entre a ideia dos tercetos e dos quartetos, no Texto II, a conjunção introduz a conclusão do poema.
 - A pontuação expressiva presente no Texto I sugere o afastamento do eu lírico de uma postura estritamente racional e, por conseguinte, clássica.
- Está **correto** o que se afirma em
- I, apenas.
 - II, apenas.
 - III, apenas.
 - I e III, apenas.
 - I, II e III.
08. O estilo maneirista evidencia-se no soneto I por meio, principalmente,
- do excesso de antíteses e paradoxos.
 - da desesperança e pessimismo expressos pelo eu poético.
 - da manifestação sentimental do eu lírico.
 - da ironia com a qual o eu lírico se refere ao Amor.
 - da personificação da angústia vivida pelo eu poético.

Considere os sonetos seguintes para responder aos testes 09 e 10:

Texto I

*Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.*

*Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.*

Aluno(a)	Turma	N.º	P 172003
			p 5

*Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim co'a alma minha se conforma,*

*Está no pensamento como ideia;
O vivo e puro amor de que sou feito,
Como matéria simples busca a forma.*

Luís Vaz de Camões (poeta português do séc. XVI)

Texto II

*Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.
E eu n'alma - tenho a calma,
A calma - do jazigo.
Ai! não te amo, não.*

*Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida - nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai, não te amo, não!*

*Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.*

(...)

*E infame sou, porque te quero; e tanto
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror...
Mas amar!... não te amo, não.*

Almeida Garrett (poeta português do século XIX)

09. Considere as seguintes afirmações sobre os textos:

- I. O Texto I apresenta versos decassílabos, já no II, só é decassílabo o primeiro verso de cada estrofe, os demais têm seis sílabas poéticas.
- II. O hipérbato se evidencia em "Se nela está minha alma transformada,/Que mais deseja o corpo de alcançar?" (Texto I).
- III. Há metáfora em "o amor é vida" e "de um querer bruto" (Texto II).
- IV. Em ambos os textos, o eu lírico procura argumentar acerca de diferentes tipos de sentimento, porém, enquanto, no Texto I, o eu lírico adota uma postura racional, o eu lírico do Texto II revela-se mais emotivo.

Está **correto** apenas o que se afirma em

- a. I, II e IV.
- b. II, III e IV.
- c. I e III.
- d. II e III.
- e. I e IV.

10. No Texto II, o eu lírico diferencia “querer” e “amar”. Comparando sua visão ao conteúdo do soneto camoniano, é possível afirmar que
- os dois termos não se associam ao poema camoniano, pois nenhum deles sugere a ideia de satisfação por meio do pensamento.
 - enquanto o primeiro termo remete aos quartetos camonianos, o segundo associa-se aos tercetos.
 - o primeiro termo associa-se aos tercetos camonianos e o segundo, aos quartetos.
 - enquanto o primeiro termo pode ser associado aos quartetos, o segundo não é contemplado no poema de Camões.
 - os dois termos evidenciam o conteúdo dos tercetos camonianos, já que tanto um sentimento como o outro requerem a concretização física da relação.

Parte II: Questões discursivas (valor 7,0)

Os textos seguintes são sonetos de diferentes épocas. Leia-os para responder às questões 01 a 04.

Texto I

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

Luís Vaz de Camões (século XVI)

Texto II

A Carolina

*Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.*

*Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda humana lida,
Fez a nossa existência apetejada
E num recanto pôs um mundo inteiro.*

*Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa separados.*

*Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.*

Machado de Assis (século XIX)

Aluno(a)	Turma	N.o	P 172003
			p 7

01. (valor 2,0) Nos dois textos, pertencentes a épocas diferentes, o eu lírico lamenta a morte da amada, mas também alude à convivência de ambos enquanto ela vivia.

- a. (valor 1,0) É possível afirmar que, em ambos os textos, o eu lírico lamenta a prematuridade da morte da amada? Justifique sua resposta, comprovando a justificativa com a transcrição de fragmentos de cada um dos textos.

- b. (valor 1,0) Enquanto no Texto I o eu lírico afirma que sentia um “amor ardente” pela mulher amada, no Texto II, o eu lírico utiliza uma expressão diferente para se referir ao sentimento que tinha por ela. Transcreva essa expressão e explique a diferença no tipo de sentimento experimentado pelo eu lírico em cada texto.

02. (valor 0,6) No Texto I, a exploração das antíteses reforça o distanciamento entre o eu lírico e a amada. No II, explora-se a mesma figura para revelar uma mudança na relação do casal. Transcreva a antítese do Texto II que serve a esse propósito.

03. (valor 1,2) Assim como o Texto I, o Texto II explora variadas figuras de linguagem. Denomine as figuras de linguagem presentes nos seguintes versos:

I. “Querida, ao pé do leito derradeiro/ em que descansas dessa longa vida”: _____

II. “E num recanto pôs um mundo inteiro”: _____

III. “Da terra que nos viu passar unidos”: _____

04. (valor 1,2) Nos dois textos, o eu lírico tem como interlocutor a amada, porém, há uma diferença no que se refere ao local onde essa mulher se encontra. Explique a afirmação.

Considere os textos seguintes para responder à questão 05.

Texto I

*Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.*

*Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.*

*Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;*

*Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: – Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!*

Luís Vaz de Camões, poeta português do séc. XVI.

Texto II

*Sete anos a nobreza da Bahia
Servia a uma pastora Indiana bela,
Porém servia a Índia e não a ela,
Que a Índia só por prêmio pretendia.*

*Mil dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la,
Mas frei Tomás usando de cautela,
deu-lhe o vilão, quitou-lhe a fidalguia.*

*Vendo o Brasil, que por tão sujos modos
Se lhe usurpara a sua Dona Elvira,
Quase a golpes de um maço e de uma goiva:*

*Logo, se arrependeram de amar todos,
E qualquer mais amara, se não vira
Para tão limpo amor tão suja noiva.*

Gregório de Matos Guerra, poeta brasileiro do séc. XVII.

Vocabulário:

Fidalguia: nobreza

Usurpar: roubar

Goiva: ferramenta de corte utilizada por artesãos

Aluno(a)	Turma	N.º	P 172003
			p 9

05. (valor 2,0) Complete as lacunas do parágrafo a seguir, em que se analisam os textos de Camões e de Gregório de Matos.

Os sonetos pertencem a épocas diferentes e apresentam temas também muito diferentes, mas são bastante semelhantes entre si. A semelhança entre os textos ocorre devido a um fenômeno denominado (a.) _____. Isso se evidencia, por exemplo, na recuperação de alguns versos camonianos total ou praticamente na íntegra e pela correspondência que se estabelece entre certos elementos. Assim, enquanto “Labão”, no Texto I, corresponde a (b.) “_____”, no Texto II, Jacó, no Texto I, tem como correspondente (c.) “_____”, no Texto II. Apesar dessas semelhanças, os sonetos diferenciam-se com relação ao tema. O soneto camoniano, representativo do gênero literário (d.) _____, reproduz poeticamente uma passagem bíblica, enquanto o Texto II, apesar de fazer referência a nomes e situações históricas específicas de uma época não conhecidas do leitor de hoje, faz claramente uma crítica (e.) _____.

Folha de Respostas

Bimestre 2.o	Disciplina Estudos Literários	Data da prova 22/06/2017	P 172003 p 1
-----------------	----------------------------------	-----------------------------	------------------------

Aluno(a) / N.o / Turma

Assinatura do Aluno

Assinatura do Professor

Nota

Parte I: Testes (valor: 3,0)

Quadro de Respostas

Obs.: 1. Faça marcas sólidas nas bolhas sem exceder os limites.

2. Rasura = Anulação.

	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
a.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
b.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
c.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
d.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
e.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Parte II: Questões discursivas (valor 7,0)

01. (valor 2,0)

a. (valor 1,0) _____

b. (valor 1,0) _____

02. (valor 0,6) _____

03. (valor 1,2)

I. _____
II. _____
III. _____

04. (valor 1,2) _____

05. (valor 2,0)

- | | |
|----------|----------|
| a. _____ | d. _____ |
| b. _____ | e. _____ |
| c. _____ | |

Parte I: Testes

01. Alternativa **e**.

No poema de Manuel Bandeira, o autor vale-se de dados da realidade de uma maneira direta e objetiva, apresentando elementos próprios da notícia, tais como “quem”, “onde”, “quando” e “o quê”. O autor ressignifica esses elementos objetivos, caracterizadores da função referencial da linguagem, ao transformá-los em poema, como o próprio título sugere.

Incorreções:

Alternativas **a** e **c**. A notícia pode ter sido veiculada no jornal ou não. Sua veracidade, sugerida pela indicação de nomes de lugares, não se associa à ressignificação da função referencial.

Alternativas **b** e **d**. A utilização de frases curtas e enumeração de ações não caracterizam a função referencial da linguagem.

02. Alternativa **c**.

Ao usar a função referencial ou denotativa da linguagem, o emissor da mensagem revela a intenção de abordar objetivamente o contexto real do emprego da expressão “perder a tramontana”, destacando o caráter informativo do texto. As alternativas **a**, **b** e **d** podem ser associadas a outras funções de linguagem que não são empregadas no texto: apresentar seus indícios subjetivos (alternativa **a**) remete à função emotiva; convencer o leitor (alternativa **b**) remete à função conativa; explorar sua dimensão estética (alternativa **d**) remete à função poética. A alternativa **e** apresenta equívoco ao associar a função referencial à ideia de crítica.

03. Alternativa **d**.

O enunciado pede a transcrição em que haja o emprego de termos contraditórios, ou seja, em que se explicita uma antítese. No fragmento “...um grupo de cientistas construiu uma traquitana simples, mas extremamente sofisticada, que é capaz de diminuir o consumo de energia de uma caminhada em até 10%”, os termos “simples” e “sofisticada” opõem-se. Nas alternativas **a**, **b** e **c** não há figuras de oposição nem as figuras apresentadas entre parênteses e na **e**, o fragmento transcrito não apresenta paradoxo, pois não há incoerência aparente nos períodos.

04. Alternativa **c**.

No poema, o eu lírico sugere que Amor encontre novos meios para lhe fazer sofrer. Nesse contexto, a palavra “Arte” pode ser entendida como “talento” ou “invenção”, capacidade criativa para encontrar esses meios; já “engenho” refere-se à “técnica”, ao “artifício” para atingir tal intento.

05. Alternativa **c**.

No Texto I, o eu lírico evidencia seu pessimismo ao acreditar que nada lhe pode ser tirado, nem esperanças, pois já não as tem. No Texto II, o eu lírico enumera boas notícias e afirma que, apesar do otimismo generalizado, ele permanece pessimista e triste.

Incorreções:

Alternativa **a**. No texto II, o eu lírico não afirma não acreditar nas notícias por serem boas demais.

Alternativa **b**. No texto I, o eu lírico não desiste da existência e, no II, ele não afirma que as notícias sejam inverossímeis.

Alternativa **d**. No texto II, o eu lírico não testemunha as notícias, apenas as reproduz, e não emite sua própria opinião sobre elas, mas a de outros.

Alternativa **e**. No texto II, o eu lírico não afirma acreditar que as boas notícias não existam para ele, somente para os outros.

06. Alternativa **b**.

É incoerente algo seguro ser considerado perigoso, assim a expressão “perigosas seguranças” (Texto I) constitui um paradoxo. A ideia de algo melhorar é incompatível com a possibilidade de essa melhora trazer prejuízo, por isso “se melhorar, estraga” também é uma expressão paradoxal. As demais expressões transcritas não apresentam ideias inconcebíveis ou incoerentes e, portanto, não constituem paradoxos.

07. Alternativa **d**.

Os dois textos, apesar da diferença de linguagem decorrente das épocas distantes em que foram produzidos, são sonetos (poema de forma fixa constituído por dois quartetos e dois tercetos) em versos decassílabos (com esquema de rima ABBA nos quartetos):

Texto I: “Bus/que A/mor/ no/vas/ ar/tes/, no/vo en/ge/nho,
Pa/ra/ ma/tar/-me, e/ no/vas/ es/qui/van/ças”

Texto II: “A/in/da/ so/mos/ bons/ de/ fu/te/bol.
A /ta/xa/ de in/fla/ção/ cai/ a/no a/ a/nho.”

A afirmação III também é verdadeira, pois, diferentemente do que ocorre com os sonetos camonianos exemplarmente clássicos, em que o eu lírico se revela contido emocionalmente, no Texto I, ele expõe sua perplexidade (por meio das exclamações) diante da situação peculiar em que se encontra. A afirmação II, porém, está incorreta, já que em ambos os textos a conjunção adversativa “mas” indica oposição: no Texto I, a conjunção opõe a ideia dos tercetos (em que o eu lírico considera-se imune ao Amor) à dos tercetos (em que se constata que ele, afinal, foi atingido por esse sentimento). Da mesma forma, no Texto II, “mas” indica a oposição entre o conteúdo das três primeiras estrofes (a enumeração de notícias positivas nos quartetos e a representação de uma recepção otimista por quem tem conhecimento delas no primeiro terceto) e o conteúdo da última estrofe, em que o eu lírico, indiferente às notícias alvissareiras, revela-se deprimido.

08. Alternativa **b**.

A expressão desesperançada e pessimista do eu lírico (e não a mera expressão sentimental, como afirmado na alternativa **c**) evidenciam, no texto, o estilo maneirista, prenunciador do Barroco. Ainda que seja comum a esse estilo o uso abusivo de antíteses e paradoxos, tais figuras não são excessivamente empregadas no texto, a não ser, por exemplo, na expressão “perigosas seguranças”. Por fim, o estilo não se caracteriza pelo emprego da ironia, nem pela personificação de uma angústia (personificação esta que sequer ocorre).

09. Alternativa **a**.

O Texto I apresenta versos decassílabos:

"Trans/for/ma/-se o a/ma/dor/ na/ cou/sa a/ma/da,
Por/ vir/tu/de/ do/ mui/to i/ma/gi/nar"

No II, o primeiro verso de cada estrofe é decassílabo, mas os outros têm seis sílabas poéticas:

"Não/ te a/mo/, que/ro/-te:/ o a/mar/ vem/ d'al/ma.
E eu/ n'al/ma/ – te/nho a/ cal/ma
A/ cal/ma/ do/ ja/zi/ço"

O hipérbato evidencia-se em "Se nela está minha alma transformada,/Que mais deseja o corpo de alcançar?". Na ordem direta, os versos ficariam: Que mais o corpo deseja alcançar, se minha alma está transformada nela? (afirmação II). Há metáfora em "o amor é vida", mas não em "de um querer bruto" (afirmação III). Em ambos os textos, o eu lírico tece argumentos na tentativa de diferenciar um sentimento apenas espiritual e um carnal, mas, enquanto, no Texto I, o eu lírico apresenta uma postura racional, o eu lírico do Texto II revela-se mais emotivo, o que se evidencia, não só no tom confessional em que ele explicita o que sente, como também na pontuação emotiva.

10. Alternativa **c**.

"Querer", de acordo com o texto II, associa-se ao desejo físico, "um querer bruto e fero/ Que o sangue me devora" e, por conseguinte, relaciona-se com a concepção presente nos tercetos camonianos, segundo os quais, alguém constituído de matéria "busca a forma", ou seja, não se satisfaz sem contato físico. Já "amar" é um sentimento relacionado à alma ("o amar vem da alma") e condiz com o conteúdo dos quartetos de Camões, nos quais defende-se um amor imaterial em que o corpo descanse em si mesmo, ou seja, sem contato físico.

Parte II: Questões

01.

- No Texto I, o eu lírico lamenta que sua amada tenha partido "tão cedo desta vida", ou seja, sofre por ela ter morrido prematuramente. Já no Texto II, o eu lírico sofre porque a mulher amada partiu "dessa vida longa", o que sugere que ela viveu bastante.
- No texto II, o eu lírico afirma que tinha um "afeto verdadeiro" pela mulher amada, o que sugere um sentimento puro e equilibrado. Já no texto I, a expressão "amor ardente" sugere um sentimento intenso, carnal, caracterizado pelo desejo físico.

02. "Unidos" e "separados".

03.

- Eufemismo. [Para suavizar o termo "morte", utilizou-se "descansar dessa longa vida", assim como para suavizar o termo "túmulo", utilizou-se "leito derradeiro"].
- Paradoxo. [É inconcebível e, portanto, paradoxal que o mundo todo seja posto em um recanto].
- Personificação. [A terra assume a ação de ver o casal passar unido].

04. Enquanto no Texto I o eu lírico dirige-se a uma mulher que está no céu e que é referida como "alma gentil", no Texto II, o eu lírico leva flores em visita ao túmulo dela, como se comprova em "... ao pé do leito derradeiro/Em que descansas dessa longa vida".

05. Os sonetos pertencem a épocas diferentes e apresentam temas também muito diferentes, mas são muito semelhantes entre si. A semelhança entre os textos ocorre devido a um fenômeno denominado **intertextualidade**. Isso se evidencia, por exemplo, na recuperação de alguns versos camonianos total ou praticamente na íntegra e pela correspondência entre certos elementos. Assim, enquanto “Labão”, no Texto I, corresponde a “**Frei Tomás**”, no Texto II, Jacó, no Texto I, tem como correspondente “**Brasil**”/“**Nobreza da Bahia**”, no Texto II. Apesar dessas semelhanças, os sonetos diferenciam-se com relação ao tema. O soneto camoniano, representativo do gênero literário **narrativo**, reproduz poeticamente uma passagem bíblica, enquanto o Texto II, apesar de fazer referência a nomes e situações históricas específicas de uma época não conhecidas do leitor de hoje, faz claramente uma crítica **à Bahia e, por extensão, ao Brasil**.